



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tathaba - Lisboa • Telephone: 2.

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Em volta do pão

Uma das reclamações que mais apaixonou a classe operária e que a organização sindicalista mais agitou depois da guerra foi a da criação dum tipo único de pão, tendo-a a extinta União Operária Nacional incluído no número das que apresentou aos poderes públicos, cuja desatenção por parte destes levou ao movimento de Novembro de 1918.

Assistimos, muito antes da apresentação daquelas reclamações aos governantes, a comícios em que o povo, em face da mistela que lhe serviam como pão, se manifestou pela adopção do tipo único, confiando que uma vez estabelecido esse regime passaria a adquirir um género regular, não só porque supunha ingenuamente que desde que a Panificação e a Moagem fossem compelidas a produzir um único tipo, este teria que ser forçosamente melhorado, mas também porque estava na perspectiva de que com tal medida o preço do pão baixaria sensivelmente.

Não ignoram os leitores a oposição sistemática que aquela reclamação popular encontrou, até há pouco, da parte das estações oficiais, que inviabilmente afirmavam que não era possível um único tipo de pão, embora o que cá se sustentava ser impossível se estivesse praticando, com satisfação geral, outros países.

O actual ministro da agricultura, depois de ter tentado, ainda com os dois tipos, evitar os justos protestos do povo, que continuavam a ser envenenado e ronhado pela Moagem e pela Panificação, decidiu-se finalmente a decretar o tipo único, que podendo trazer algumas vantagens para o consumidor: o melhoramento da qualidade e a baixa do respectivo preço, nem sempre das ocasionou, porquanto, em reação à primeira, viu-se que a Moagem e a Panificação, no intuito de anularam a deliberação governamental, que absolutamente, a contraria, passaram a fornecer à população de Lisboa uma mistela detestável, e, no que se refere à segunda, o preço foi agravado consideravelmente.

O consumidor paga hoje o género mais caro e em vez de pão largue uma massa nauseante que tem arruinado a saúde de muita gente que é forçada a meter no estômago aquela substância nojenta, dentro da qual é frequente encontrar resíduos imundos.

Não é difícil adivinhar com que intenção se praticam estes verdadeiros crimes: descontentar o povo, levando-o a pedir a aboli-

E' inadmissível semelhante procedimento e não podem ser considerados trabalhadores honestos e dignos individuos que, como aqueles, em vez de se limitarem a defender os interesses morais e profissionais dos seus associados, preferem colocar-se ao lado da Moagem, servindo-lhes os torpes designios, fazendo assim uma obra de traição que é vivamente condenada por todo o povo que trabalha, o qual não pode admitir que haja operários que se presentem a pôr acima dos sagrados interesses do público os duma legião de exploradores como são os potenciados da Moagem e da Panificação.

Não consideramos tais criaturas como pertencendo ao nosso honrado grémio, mas apenas como trapos e dos mais repugnantes.

Não é difícil adivinhar com que intenção se praticam estes verdadeiros crimes: descontentar o povo, levando-o a pedir a aboli-

cão do tipo único de pão, que seria aliás o processo mais racional de abastecer o consumidor do seu principal alimento, se a população de Lisboa não estivesse sujeita aos bandoleiros da Moagem, perante cujo poder se curvam autoridades e governos, como se de criaturas invulneráveis se tratasse.

\* \* \*

Tratam agora os potenciados da Moagem e da Panificação — que tudo podem e tudo conseguem nesta terra — de preparar-se para voltarem ao regime dos dois tipos de pão, esperando certamente não encontrar grande hostilidade ao seu intento por parte do povo, do qual tem escarnecido à vontade. E, insatisfeitos com os tremendos roubos até hoje praticados à custa da fome dos que trabalham, pretendem simultaneamente realizar um novo assalto à bolsa do consumidor, elevando o preço do seu principal artigo de alimentação. Com esse intuito já os seus mandatários preparam terreno próprio, propagando que não há possibilidade da população de Lisboa ter pão bem manipulado sem que o seu preço seja aumentado e se volte ao anterior regime.

Nesse sentido se estão movendo, segundo tudo indica, altas influências, lamentável sendo que uma associação que se diz operária — a União dos Operários Panificadores — que sabemos ser, há muito, orientada por indivíduos que não passam de instrumentos da Moagem, esteja fazendo o jogo descarado dos patrões, procedimento que é bastante a marcar esse organismo e os que o dirigem como autênticos inimigos dos trabalhadores.

E' inadmissível semelhante pro-

cedimento e não podem ser con-

siderados trabalhadores honestos e dignos individuos que, como aqueles, em vez de se limitarem a defender os interesses morais e profissionais dos seus associados, preferem colocar-se ao lado da Moagem, servindo-lhes os torpes designios, fazendo assim uma obra de traição que é vivamente condenada por todo o povo que trabalha, o qual não pode admitir que haja operários que se presentem a pôr acima dos sagrados interesses do público os duma legião de exploradores como são os potenciados da Moagem e da Panificação.

Não consideramos tais criaturas como pertencendo ao nosso honrado grémio, mas apenas como trapos e dos mais repugnantes.

Não é difícil adivinhar com que intenção se praticam estes verdadeiros crimes: descontentar o povo, levando-o a pedir a aboli-

cão do tipo único de pão, que seria aliás o processo mais racional de abastecer o consumidor do seu principal alimento, se a população de Lisboa não estivesse sujeita aos bandoleiros da Moagem, perante cujo poder se curvam autoridades e governos, como se de criaturas invulneráveis se tratasse.

\* \* \*

Tratam agora os potenciados da

Moagem e da Panificação — que

tudo podem e tudo conseguem

nesta terra — de preparar-se para

voltarem ao regime dos dois tipos

de pão, esperando certamente

não encontrar grande hostilidade

ao seu intento por parte do povo,

do qual tem escarnecido à vontade.

E, insatisfeitos com os tremendos

roubos até hoje praticados à custa

da fome dos que trabalham, pre-

tendem simultaneamente realizar

um novo assalto à bolsa do con-

sumidor, elevando o preço do seu

principal artigo de alimentação.

Com esse intuito já os seus man-

datários preparam terreno pró-

prio, propagando que não há pos-

sibilidade da população de Lisboa

ter pão bem manipulado sem que

o seu preço seja aumentado e se

volve ao anterior regime.

Nesse sentido se estão move-

ndo, segundo tudo indica, altas in-

fluências, lamentável sendo que

uma associação que se diz op-

erária — a União dos Operários

Panificadores — que sabemos ser,

há muito, orientada por indivíduos

que não passam de instrumentos

da Moagem, esteja fazendo o joga-

do descarado dos patrões, procedi-

mento que é bastante a marcar

esse organismo e os que o dirige-

m, como autênticos inimigos dos tra-

balhadores.

E' inadmissível semelhante pro-

cedimento e não podem ser con-

siderados trabalhadores honestos e

dignos individuos que, como aqueles,

em vez de se limitarem a de

fender os interesses morais e en-

trepreneuriais dos seus associados,

preferem colocar-se ao lado da

Moagem, servindo-lhes os torpes

designios, fazendo assim uma obra

de traição que é vivamente con-

denada por todo o povo que tra-

balha, o qual não pode admitir

que haja operários que se presen-

tem a pôr acima dos sagrados in-

teresses do público os duma legi-

ão de exploradores como são os

potenciados da Moagem e da Pan-

ificação.

Não consideramos tais criatu-

ras como pertencendo ao nosso

honrado grémio, mas apenas como

trapos e dos mais repugnantes.

Não é difícil adivinhar com que

intenção se praticam estes verdadeiros crimes: descontentar o povo, levando-o a pedir a aboli-

cão do tipo único de pão, que seria aliás o processo mais racional de abastecer o consumidor do seu principal alimento, se a população de Lisboa não estivesse sujeita aos bandoleiros da Moagem, perante cujo poder se curvam autoridades e governos, como se de criaturas invulneráveis se tratasse.

\* \* \*

Tratam agora os potenciados da

Moagem e da Panificação — que

tudo podem e tudo conseguem

nesta terra — de preparar-se para

voltarem ao regime dos dois tipos

de pão, esperando certamente

não encontrar grande hostilidade

ao seu intento por parte do povo,

do qual tem escarnecido à vontade.

E, insatisfeitos com os tremendos

roubos até hoje praticados à custa

da fome dos que trabalham, pre-

tendem simultaneamente realizar

um novo assalto à bolsa do con-

sumidor, elevando o preço do seu

principal artigo de alimentação.

Com esse intuito já os seus man-

datários preparam terreno pró-

prio, propagando que não há pos-

sibilidade da população de Lisboa

ter pão bem manipulado sem que

o seu preço seja aumentado e se

volve ao anterior regime.

Nesse sentido se estão move-

ndo, segundo tudo indica, altas in-

fluências, lamentável sendo que

uma associação que se diz op-

erária — a União dos Operários

Panificadores — que sabemos ser,

há muito, orientada por indivíduos

que não passam de instrumentos

da Moagem, esteja fazendo o joga-

do descarado dos patrões, procedi-

mento que é bastante a marcar

esse organismo e os que o dirige-

m, como autênticos inimigos dos tra-

balhadores.

E' inadmissível semelhante pro-

cedimento e não podem ser con-

siderados trabalhadores honestos e

dignos individuos que, como aqueles,

em vez de se limitarem a de

fender os interesses morais e en-

trepreneuriais dos seus associados,

preferem colocar-se ao lado da

Moagem, servindo-lhes os torpes

designios, fazendo assim uma obra

de traição que é vivamente con-

denada por todo o povo que tra-

# A situação na Alemanha

## As condições económicas dos vencidos e dos vencedores são muito semelhantes

Ela como a situação na Alemanha é descripta, a largos traços, por Rodrigo Valentim, numa sua correspondência de 23 de Maio, para *El Comunista*, de Madrid:

“O exército vermelho do Ruhr despareceu. Onde se erguia, ainda há tanto pouco tempo, com as armas na mão, um proletariado rebelde e audaz, não se vê agora senão o paciente lavrador das terras com o seu ancinho e o seu arado. Tudo parece ter voltado à vida ordinária da normalidade.

Quem chega a Alemanha com a ideia de encontrar todos os sinais característicos duma revolução, experimenta, nos primeiros dias, uma grande desilusão.

A primeira vista, a Alemanha parece ser a mesma dos dias anteriores à guerra. Em Berlim, o “Kaisershof” chama-se apesar de tudo, o “Hausberghof”, a “Wihlemstrasse” continua a ser a “Wilhemstrasse”; a estátua de Frederico, o Grande, continua no seu lugar, à entrada de “Unter den Linden”. Os oficiais continuam a ostentar as suas cruzes de ferro, prata e ouro, no passeio de “Kurfürstendamm”, e os grandes cafés continuam enchendo-se de gente rica e gastadora, com todo o descuido da dominação burguesa.

Só mais tarde uma pessoa percebe que aqueles que enchem os cafés, na sua maior parte, são estrangeiros que vêm à Alemanha para difundir as vantagens que a baixa do marco lhes proporciona, tornando-lhes possível uma vida de príncipes, quando no seu próprio país, a sua condição financeira os obriga a viver como modestos burgueses. Os alemães não podem permitir-se o luxo de ir aos cafés, excepto, naturalmente, os muito ricos. Os alemães não podem desbaratar dinheiro. Estão todos em más condições; os trabalhadores, claro está, principalmente. Uma taquigrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar.

Há na Alemanha uma escassez alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha. Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre tem farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende os clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apoia no que se chama “prosperidade” nem em nenhuma situação económica estável. Tanto pouco se basica, isto pareceria uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que, parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem as instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: “Procedemos assim hoje,

mas estamo-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; podemos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças.”

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários tem o olhar fixo no porvir.

Um dia, num restaurante de Berlim, preguntei a um jovem se o povo alemão não era mais feliz e se não estava em melhor situação nos tempos do Kaiser, e, por um momento, recebi que me passasse a cabeça. “O povo alemão responde-me – estava engordando para o matadouro. Certamente que hoje não estamos em melhores condições, mas, num dia que já não está longe, acabaremos com toda essa gentilha que vive à nossa custa.” Doutra vez, numa barbearia, a ficando sem o nariz, devido à distração do barbeiro, que explicava, com todo o seu entusiasmo, o comunismo a um outro freguês. A minha própria humilde e tímida hospedaria me proporcionou uma certa surpresa, pois que, um dia regressando a casa, ouvi-lhe declarar que não havera alívio para o povo alemão enquanto não viesse o Socialismo da Rússia.

Na classe trabalhadora alemã existe uma consciência de classe mais viva e um espírito revolucionário mais profundo que na dos outros países. Reina uma solidariedade absoluta. Todo o operário se sente, a um mesmo tempo, soldado do exército proletário. Os militaristas do kaiser inspiraram um ódio tremendo.

Estes sabem-no assim como também que já passaram os seus dias de triunfos, apesar de o sabrem, não podem resistir à tentação de fazer planos para implantarem a sua ditadura. Tenho falado com muitos leaders socialistas e comunistas, e todos creem que se dará em breve outro gope de estado da direita. Asseguram também, e eu compartilho da sua opinião, que dentro de breves dias, (sobretudo se os socialistas obtiverem maioria nas eleições) se tratará de estabelecer uma ditadura Ludendorff-Hindenbourg. O governo Ebert-Müller-Jessler, detestado por todos, fugirá deixando a situação na mão dos militaristas. Porém, os operários alemães, membro da delegação britânica trabalhadora, claro está, principalmente. Uma taquigrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar.

Há na Alemanha uma escassez alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha. Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre tem farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende os clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apoia no que se chama “prosperidade” nem em nenhuma situação económica estável. Tanto pouco se basica, isto pareceria uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que, parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem as instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: “Procedemos assim hoje,

mas estamo-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; podemos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças.”

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários tem o olhar fixo no porvir.

Um dia, num restaurante de Berlim, preguntei a um jovem se o povo alemão não era mais feliz e se não estava em melhor situação nos tempos do Kaiser, e, por um momento, recebi que me passasse a cabeça. “O povo alemão responde-me – estava engordando para o matadouro. Certamente que hoje não estamos em melhores condições, mas, num dia que já não está longe, acabaremos com toda essa gentilha que vive à nossa custa.” Doutra vez, numa barbearia, a ficando sem o nariz, devido à distração do barbeiro, que explicava, com todo o seu entusiasmo, o comunismo a um outro freguês. A minha própria humilde e tímida hospedaria me proporcionou uma certa surpresa, pois que, um dia regressando a casa, ouvi-lhe declarar que não havera alívio para o povo alemão enquanto não viesse o Socialismo da Rússia.

Na classe trabalhadora alemã existe uma consciência de classe mais viva e um espírito revolucionário mais profundo que na dos outros países. Reina uma solidariedade absoluta. Todo o operário se sente, a um mesmo tempo, soldado do exército proletário. Os militaristas do kaiser inspiraram um ódio tremendo.

Estes sabem-no assim como também que já passaram os seus dias de triunfos, apesar de o sabrem, não podem resistir à tentação de fazer planos para implantarem a sua ditadura. Tenho falado com muitos leaders socialistas e comunistas, e todos creem que se dará em breve outro gope de estado da direita. Asseguram também, e eu compartilho da sua opinião, que dentro de breves dias, (sobretudo se os socialistas obtiverem maioria nas eleições) se tratará de estabelecer uma ditadura Ludendorff-Hindenbourg. O governo Ebert-Müller-Jessler, detestado por todos, fugirá deixando a situação na mão dos militaristas. Porém, os operários alemães, membro da delegação britânica trabalhadora, claro está, principalmente. Uma taquigrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar.

Há na Alemanha uma escassez alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha. Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre tem farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende os clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apoia no que se chama “prosperidade” nem em nenhuma situação económica estável. Tanto pouco se basica, isto pareceria uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que, parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem as instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: “Procedemos assim hoje,

mas estamo-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; podemos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças.”

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários tem o olhar fixo no porvir.

Um dia, num restaurante de Berlim, preguntei a um jovem se o povo alemão não era mais feliz e se não estava em melhor situação nos tempos do Kaiser, e, por um momento, recebi que me passasse a cabeça. “O povo alemão responde-me – estava engordando para o matadouro. Certamente que hoje não estamos em melhores condições, mas, num dia que já não está longe, acabaremos com toda essa gentilha que vive à nossa custa.” Doutra vez, numa barbearia, a ficando sem o nariz, devido à distração do barbeiro, que explicava, com todo o seu entusiasmo, o comunismo a um outro freguês. A minha própria humilde e tímida hospedaria me proporcionou uma certa surpresa, pois que, um dia regressando a casa, ouvi-lhe declarar que não havera alívio para o povo alemão enquanto não viesse o Socialismo da Rússia.

Na classe trabalhadora alemã existe uma consciência de classe mais viva e um espírito revolucionário mais profundo que na dos outros países. Reina uma solidariedade absoluta. Todo o operário se sente, a um mesmo tempo, soldado do exército proletário. Os militaristas do kaiser inspiraram um ódio tremendo.

Estes sabem-no assim como também que já passaram os seus dias de triunfos, apesar de o sabrem, não podem resistir à tentação de fazer planos para implantarem a sua ditadura. Tenho falado com muitos leaders socialistas e comunistas, e todos creem que se dará em breve outro gope de estado da direita. Asseguram também, e eu compartilho da sua opinião, que dentro de breves dias, (sobretudo se os socialistas obtiverem maioria nas eleições) se tratará de estabelecer uma ditadura Ludendorff-Hindenbourg. O governo Ebert-Müller-Jessler, detestado por todos, fugirá deixando a situação na mão dos militaristas. Porém, os operários alemães, membro da delegação britânica trabalhadora, claro está, principalmente. Uma taquigrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar.

Há na Alemanha uma escassez alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha. Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre tem farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende os clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apoia no que se chama “prosperidade” nem em nenhuma situação económica estável. Tanto pouco se basica, isto pareceria uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que, parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem as instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: “Procedemos assim hoje,

mas estamo-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; podemos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças.”

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários tem o olhar fixo no porvir.

Um dia, num restaurante de Berlim, preguntei a um jovem se o povo alemão não era mais feliz e se não estava em melhor situação nos tempos do Kaiser, e, por um momento, recebi que me passasse a cabeça. “O povo alemão responde-me – estava engordando para o matadouro. Certamente que hoje não estamos em melhores condições, mas, num dia que já não está longe, acabaremos com toda essa gentilha que vive à nossa custa.” Doutra vez, numa barbearia, a ficando sem o nariz, devido à distração do barbeiro, que explicava, com todo o seu entusiasmo, o comunismo a um outro freguês. A minha própria humilde e tímida hospedaria me proporcionou uma certa surpresa, pois que, um dia regressando a casa, ouvi-lhe declarar que não havera alívio para o povo alemão enquanto não viesse o Socialismo da Rússia.

Na classe trabalhadora alemã existe uma consciência de classe mais viva e um espírito revolucionário mais profundo que na dos outros países. Reina uma solidariedade absoluta. Todo o operário se sente, a um mesmo tempo, soldado do exército proletário. Os militaristas do kaiser inspiraram um ódio tremendo.

Estes sabem-no assim como também que já passaram os seus dias de triunfos, apesar de o sabrem, não podem resistir à tentação de fazer planos para implantarem a sua ditadura. Tenho falado com muitos leaders socialistas e comunistas, e todos creem que se dará em breve outro gope de estado da direita. Asseguram também, e eu compartilho da sua opinião, que dentro de breves dias, (sobretudo se os socialistas obtiverem maioria nas eleições) se tratará de estabelecer uma ditadura Ludendorff-Hindenbourg. O governo Ebert-Müller-Jessler, detestado por todos, fugirá deixando a situação na mão dos militaristas. Porém, os operários alemães, membro da delegação britânica trabalhadora, claro está, principalmente. Uma taquigrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar.

Há na Alemanha uma escassez alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha. Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre tem farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende os clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apoia no que se chama “prosperidade” nem em nenhuma situação económica estável. Tanto pouco se basica, isto pareceria uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que, parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem as instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: “Procedemos assim hoje,

mas estamo-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; podemos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças.”

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários tem o olhar fixo no porvir.

## Notas de além fronteiras

### Contra a construção de quartéis

As direções das associações operárias de Orense, tendo reunido para tratar da projectada construção de quartéis, resolveram publicar um manifesto aprofundando os factos, convidar o povo para um comício que se realizará brevemente e entregar á câmara municipal um documento em que se protesta contra a deliberação tomada pelo município de adquirir terrenos para quartéis; afinal disso, deliberaram opôr-se por todos os meios a que a câmara concorde para as despesas da construção ou faça algum adiantamento com esse fim ao ministério da guerra, afirmando que se o ministro quere construir quartéis que o faça por sua conta, pois temos de nos sobrepor.

Para complemento da sua attitude só falta que se recussem os operários a fazer tais construções.

### Os soviéticos e os índios entram em desacordo

Contam os jornais que entre Lénine e os revolucionários hindus se tem trocado amizade e interessantes telegramas, tendo estes últimos manifestado a Lénine o seu profundo agrado e reconhecimento a sua admiração pela luta que a Rússia dos soviéticos empreendeu com o fim de libertar todos os povos, e especialmente os hindus, de perseguição e perseguição cometida, o operário hindu ficará desonrado, para todo o sempre! Não, mil vezes não! Ante um crime tan clamoroso, roubando a liberdade muitos inocentes, roubando a pobreza das crianças, o amparo necessário, não pode indicar quem tem a menor consciência, quem tem coração! É necessário que todos nós, os homens cultos, os que velamos pela justiça, não deixemos que a justiça se perca...

Fazemos tudo para demonstrarmos à humanidade que o crime cometido é monstruoso, que se passou de oito a dez horas de trabalho.

**Sindicato Único da Construção Civil - Comissão de Melhoramentos** - Avisam-se as comissões administrativas das secções sindicais, de que devem convocar as respectivas assembleias gerais, na proxima semana, para esta comissão dar conta da sua missão junto do ministro do comércio, no que respe

## SÉSTA

## ABATALHA

SOBRE UM LIVRO  
"Canais e Lagos"

Faltariam á verdade, se por acaso afirmássemos considerar como uma obra-prima o livro recentemente publicado por Octávio Brandão com o título *"Canais e Lagos"*.

No entanto, apesar de algumas imperfeições que notarmos, não podemos deixar de classificá-lo como um trabalho de certo valor, tanto devido ao ponto de vista científico, como artístico.

Seguindo as pisadas de Humboldt, de Eliseu Reclus e de todos os grandes portas da natureza, que verdadeiramente souberam compreender os fins do estudo da geografia, O. Brandão — como era natural — embora ainda com este seu primeiro ensaio não tenha conseguido pôr-a par dos seus mestres e inspiradores, mostra, no entanto, que possui faculdades, que lhe permitem mais cedo ou mais tarde, vir a alcançar esse *desideratum*.

Ameia monte onde a curiosidade humana penetra raras vezes, é o reino indisputado do solitário guardião dasselas; ali permanece dias e dias, silencioso, esquivando, escutando o canto das aves, o monotônico correr da fonte, o murmúrio do ar ao quebrar-se sobre folhas, o melancólico balar do gado.

A aurora surpreende-o já deserto e prescioso quase a ponto de dormir.

O calor e o frio tocam, sem penetrar,

a sua pele rugosa e dura; uma canção de ritmo selvagem brota às vezes por

seus lábios e seus olhos inexpressivos se alegram ao ouvir os passos do rapaz que todas as semanas sobe à

trazer-lhe os sete pés de dois arraste

e os quantos tostões que constituem a

sua feria.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famílias.

Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e lhe dirige a

palavra. Fala com ele durante a tos-

qua; enquanto lavradores e marchan-

tes conversam familiarmente, retira-se

para um lado e permanece só, dirigin-

do os olhares onde brilham relâmpa-

gos de desprezo e de ódio.

O pastor nunca desce ao povoado;

nem tem mulher, nem filhos, nem famíli-

as. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a

guardar as rezas, a comer os re-

stros de pão e a defender-se dos lobos.

O pastor fala com o seu amo quando

é este vem ao morte e l

Os lucros realizados pelo nosso serviço de livraria são exclusivamente aplicados à propaganda. Auxilia-se A BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações de que se necessite.

Organizam-se e fornecem-se projectos e orçamentos de bibliotecas populares, cooperativas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facultar-lhes os meios de se instruir em encarregando-se de fornecer todos os livros que sejam pedidos e fazendo em breve a sua secção editorial.

A leitura é um dos meios de educar do operário, quanto maior for a capacidade de cultura, maior é o clero de trabalhadores, mais próximo estaremos de conseguir a emancipação que todos anseiam.

Por preceário que seja a sua situação económica, todo o trabalhador pode ilustrar-se desde que dedique, à aquisição de livros e folhetos educativos, aqueles centavos que normal gasta no tabaco, na cerveja, nos cafés, nos divertimentos, que o entretêm e brincam.

A reflexão dos nossos camaradas e amigos submetemos a circunstância de estarmos a falar de livraria redundar em benefício da Batalha, desejando que as casas editoras façam parte, respeitando a vontade da nossa administração que empregará todos os esforços para atender prioritariamente todos os pedidos que lhe fazem de livros e folhetos.

A medida que as circunstâncias permitem, submetemos a consideração das casas editoras que em sua opinião possam dar a orientação que deve seguir o proletariado que deseja emancipar-se da exploração capitalista.

Não esqueçamos que os portos devem ser explorados e tiranizados quando desejarmos obter alguma vantagem.

A casas e grupos editores, a administração previne que se encarrega da venda, a consignação, de todos os livros e folhetos que editem e cuja leitura possa ser recomendada por A Batalha.

## Sociologia

Adolfo Lima—O contrato de trabalho	\$05
Antonello—A Russia Bolchevista	\$05
Alberto—O amor social	\$05
O. S. Santos—A Questão Operária e Sindicato	\$05
Briand—A Greve Geral	\$05
Buechner—Na aurora do Século XX	\$05
Campos Lima—O movimento operário português	\$05
Dufour—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)	\$10
Delaisi—Os financeiros, os políticos e a guerra	\$05
Etelevant—A minha defesa	\$05
Emile Pouget—A confederação geral do trabalho	\$05
Enrico Costa—Ação direta e ação legal	\$05
Fraser—A Russia Vermelha	\$05
Fabre Ribas—O Socialismo e o conflito europeu	\$05
Grave:	
A anarquia—Fins e meios	\$05
A sociedade futura	\$05
O indivíduo e a sociedade	\$05
Grieguelhas—A Ação Sindicista	\$05
Guedes—Aos assalariados	\$05
Guyan—Ensaios de uma moral	\$05
H. Salgado:	
A ciência e a religião	\$05
Mentiras religiosas	\$05
Hamon:	
A conferência da Paz e a sua obra	\$05
As hóspedes da guerra mundial	\$05
Psicologia do militar profissional	\$05
Psicologia do socialista-anarquista	\$05
Socialismo e Anarquismo	\$05
Krapotkin:	
A conquista do pão	\$05
A grande revolução (2 vol.)	\$05
Em volta dum vida	\$05

Moral anarquista  
Os bastidores da guerra

Lagardelle—Sindicalismo e Socialismo

Landauer—A Social Democracia na Alemanha

Leone—O sindicalismo

Malatesta:

A política parlamentar no movimento socialista

Braschi—Aos operários

O Programa Socialista anarquista revolucionário

Marx—O capital

Molinari—Problemas sociais

M. Pierrot—Sindicalismo e Revolução

Nietzsche:

Anti Cristo

Como falava Zarathustra

Genealogia da moral

Naquet—A caminho da União livre

Prat:

Necessidade da associação

Sindicalismo e greve geral

Roland—A Russia Nova

Rossi—A Ditadura do Príncipe

Rousseau—A origem dos costumes

Russumano—A escravidão da mulher

Santos—A Transformação da Sociedade

Tolstoi:

A escravidão moderna

O canto do cíano

Vanderlei—O Coletivismo e a Evolução Industrial

Varennes—O Terrorismo em França

A Semementeira

Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919)

FOTOGRAVURAS (em papel couro) de V. M. Ribeiro

Postais de Lénine e Trotsky (2)

1.º de Maio; Capital e o Trabalho a Maio de 1919

1.º de Maio de 1919

Zola:

Alegria de viver (2 vol.)

A conquista de Plassans (2 vol.)

A Cortina dos Rougous (2 vol.)

A obra (2 v.)

A taberna (5 v.)

A terra (2 v.)

Algebra

Arte de estudar

Aviação e canárra

Brigadires, oficiais e sapateiros

Edificações

Encantamentos e salubridade das habitações

Escola moderna

Exercícios de cálculo

Flammarion:

Iniciação astronómica

Astronomia popular

A vida nos astros

Curiosidades astronómicas

F. Dante:

A ciência e a vida

Mecânica da vida

Jean Crout—A vida do Direito

Le Bon—Evolução geral da vida

Strange—A velha e a nova fé

Trabalhos de carpintaria civil

Trabalhos de serraria civil

Trabalhos de carpintaria civil

Manuais de ofício

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricantes de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos

Pedreiro

Fundador e estucador

Desenho linear

Fundador e estucador

Escrituração comercial industrial

Escriturário

Automobilista

Condutor de máquinas

Fabricante de tecidos